

LILIAN LANDAL

**A GINÁSTICA RÍTMICA DESPORTIVA APLICADA COMO CONTEÚDO  
DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, PARA MENINOS DO MUNICÍPIO  
DE ARAUCÁRIA**

**Monografia apresentada como requisito  
parcial para a conclusão do curso de li-  
cenciatura em Educação Física, Setor  
de Ciências Biológicas, da Universidade  
Federal do Paraná.**

CURITIBA

1996

LILIAN LANDAL

**A GINÁSTICA RÍTMICA DESPORTIVA APLICADA COMO CONTEÚDO  
DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, PARA MENINOS DO MUNICÍPIO  
DE ARAUCÁRIA**

**Monografia apresentada como requisito  
parcial para conclusão do curso de li-  
cenciatura em Educação Física, Setor  
de Ciências Biológicas, da Universida-  
de Federal do Paraná.**

**Orientadora: Marynelma Camargo Garanhani.**

## SUMÁRIO

<u>RESUMO</u> .....	v
1 <u>INTRODUÇÃO</u> .....	1
1.1 PROBLEMA .....	1
1.2 DELIMITAÇÕES .....	1
1.3 JUSTIFICATIVA .....	2
1.4 OBJETIVOS .....	2
1.4.1 OBJETIVO GERAL .....	2
1.4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	2
2 <u>REVISÃO DE LITERATURA</u> .....	3
2.1 O DESPORTO GRD .....	3
2.1.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA .....	3
2.1.2 CONCEITO, CARACTERÍSTICAS E APLICAÇÃO .....	3
2.1.3 O DESPORTO GRD COMO ATIVIDADE MEIO DA EDUCAÇÃO FÍSICA .....	4
2.2 O DESPORTO FEMININO GRD NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESTUDO DE GÊNERO .....	6
2.2.1 O CONCEITO DE GÊNERO .....	6
2.2.2 GÊNERO: SOCIEDADE E ESCOLA .....	6
2.2.3 GÊNERO: EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO .....	7
2.2.4 O DESPORTO GRD NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR .....	9
3 <u>METODOLOGIA</u> .....	11
4 <u>ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS</u> .....	12
4.1 ANÁLISE DOS CONTEÚDOS .....	13
4.1.1 FORMAÇÃO DO PROFESSOR QUE DESENVOLVE O CONTEÚDO GRD NO CONTEXTO ESCOLAR .....	13
4.1.2 APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO GRD PARA TURMAS MISTAS .....	14

4.2.3 ACEITAÇÃO DOS ALUNOS DO SEXO MASCULINO EM RELAÇÃO AO DESPORTO GRD .....	15
5 <u>CONCLUSÃO</u> .....	16
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u> .....	17

## RESUMO

O propósito deste estudo foi abordar um fato existente na Escola Irmã Elizabeth Werka, do município de Araucária (PR), que trata da inserção e desenvolvimento do conteúdo Ginástica Rítmica Desportiva no contexto escolar para turmas mistas, tendo como objetivo analisar com este conteúdo é desenvolvido nas turmas mistas da referida escola. A metodologia utilizada foi a análise dos documentos investigados, que tratam da inserção da GRD no currículo desta instituição e a análise dos conteúdos fornecidos pela entrevista semi estruturada, caracterizada pelas seguintes temáticas: a formação do professor que desenvolve o conteúdo GRD no contexto escolar; a apresentação do conteúdo GRD para turmas mistas, e a aceitação dos alunos do sexo masculino em relação ao desporto GRD. Esta entrevista foi realizada com os professores que desenvolvem este conteúdo para as 6<sup>o</sup>séries do ensino de 1<sup>o</sup> grau da referida escola. Concluiu-se assim, que o desenvolvimento da GRD no contexto escolar para turmas mistas, depende de como o professor apresenta o conteúdo aos alunos, que metodologia desenvolve durante as aulas, e que sua formação interfere na aplicação do mesmo.

# **1 INTRODUÇÃO**

## **1.1 PROBLEMA**

A Ginástica Rítmica Desportiva no contexto escolar apresenta-se como conteúdo da Educação Física. Sendo assim, sua aplicação possibilita a vivência de movimentos considerados básicos e fundamentais no desenvolvimento motor do educando, permitindo à mesma, um maior conhecimento e domínio de seu corpo.

Porém, no meio desportivo, a Ginástica Rítmica Desportiva é caracterizada como um desporto essencialmente feminino, que valoriza a leveza, graça e elegância. Portanto, o seu desenvolvimento como conteúdo da Educação Física escolar para turmas mistas, ou seja, um grupo que apresenta alunos do sexo masculino e feminino, repousa sobre a questão do gênero, pelo fato de existir na sociedade uma educação diferenciada entre os sexos, que reforça os padrões de comportamento culturalmente estereotipados.

Diante deste contexto, no município de Araucária (PR), com a implantação do novo currículo de Educação Física, a GRD passou a ser desenvolvida como conteúdo para as 6<sup>o</sup>séries, nas turmas mistas, na Escola Irmã Elizabeth Werka, sendo que hoje, este conteúdo continua sendo desenvolvido nas 6<sup>o</sup>séries, no 1<sup>o</sup> semestre.

Entendendo que a GRD é um desporto culturalmente feminino, como é desenvolvido esse conteúdo nas aulas de Educação Física, da Escola Irmã Elizabeth Werka, do município de Araucária?

## **1.2 DELIMITAÇÕES**

### **1.2.1 LOCAL**

A pesquisa foi realizada na Escola Irmã Elizabeth Werka, do município de Araucária, situado no Estado do Paraná.

### **1.2.2 POPULAÇÃO**

Professores que ministram a disciplina Ginástica Rítmica Desportiva, para a 6<sup>o</sup>série do ensino de 1<sup>o</sup> grau da referida escola.

### **1.2.3 ÉPOCA**

O estudo foi realizado no mês de agosto de 1996.

### **1.3 JUSTIFICATIVA**

A Ginástica Rítmica Desportiva é um conteúdo presente no contexto da Educação Física escolar, por apresentar novas experiências de movimentos, através de uma maior vivência corporal, contribuindo para o enriquecimento do acervo motor do educando.

Porém, por apresentar-se como um desporto essencialmente feminino, sua aplicação na contexto escolar, em alguns momentos, poderá ressaltar questões relacionadas ao gênero.

Assim, este estudo através da análise das questões de gênero presentes na educação, e da descrição de um fato na Escola Irmã Elizabeth Werka, do município de Araucária, relacionado a esta problemática, contribuirá na formação de profissionais que tenham interesse em desenvolver este conteúdo na Educação Física escolar e que venham a ter dificuldades de abordar questões relacionadas ao gênero.

### **1.4 OBJETIVOS**

#### **1.4.1 OBJETIVO GERAL**

Analisar como é desenvolvida a Ginástica Rítmica Desportiva enquanto conteúdo da Educação Física escolar para turmas mistas, na Escola Irmã Elizabeth Werka, do município de Araucária.

#### **1.4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Verificar qual a formação do professor em relação a Ginástica Rítmica Desportiva, que desenvolve este conteúdo nas 6<sup>o</sup>séries, da Escola Irmã Elizabeth Werka, do município de Araucária, e como é apresentado este conteúdo para as turmas mistas na referida escola.

Verificar qual é a aceitação dos alunos do sexo masculino no desenvolvimento deste conteúdo na Escola Irmã Elizabeth Werka, do município de Araucária.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 O DESPORTO GRD**

#### **2.1.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA**

A modalidade Ginástica Rítmica Desportiva, nasceu no início do séc.XX, na Europa Central, e recebeu da dança, música, arte cênica e pedagogia, muitas contribuições para o seu desenvolvimento (GAIO, 1996, p.27).

A primeira competição de GRD foi em 1948 organizada pela União Soviética e em seguida em 1962, por ocasião do XV Campeonato Mundial de Ginástica Olímpica em Praga, a Tchecoslováquia e a Hungria apresentaram demonstrações de Ginástica Moderna, denominação utilizada na época. O sucesso fez com que a Federação Internacional de Ginástica (FIG) reconhecesse este desporto no Congresso de Praga (1962) resultando em 1963 a realização do I Campeonato Mundial de Ginástica Moderna em Budapeste (Hungria). No âmbito internacional esta modalidade foi chamada em 1962 de Ginástica Moderna, em 1972 passou a ser denominada de Ginástica Rítmica Moderna, e somente em 1975 de Ginástica Rítmica Desportiva. (RUSSO, 1993, p.12)

Atualmente, a Ginástica Rítmica Desportiva é um esporte essencialmente feminino e segundo a Federação Internacional de Ginástica (FIG) desde 1984 tem feito parte dos esportes olímpicos (CAPETTI, 1992, p.10).

No Brasil, a GRD surgiu na déc. de 50, através da Associação de Professores de Educação Física do estado de São Paulo, estando ligada fundamentalmente a quatro nomes: Margareth Froehlich, Erica Saur, Ilona Peuker e Stella Manseu Guérios, que direcionaram a GRD para a Educação, criando mais uma alternativa de trabalho para a Educação Física (GAIO, 1996, p.39).

A nível competitivo, segundo Soares, citado por GAIO (1996, p.41), o Brasil se apresentou pela primeira vez em um evento internacional em 1967, e desde 1975 vem fazendo parte de todos os campeonatos mundiais.

#### **2.1.2 CONCEITO, CARACTERÍSTICAS E APLICAÇÃO**

A Ginástica Rítmica Desportiva é uma arte dinâmica, criativa, natural, orgânica, com movimentos característicos próprios, diferentes das outras escolas de expressão corporal. Sendo uma modalidade essencialmente feminina, praticada a mãos livres e com aparelhos; sua

beleza plástica, graça e elegância formam um conjunto harmonioso de movimento e ritmo (CRAUSE, 1989, p.17).

A GRD se caracteriza segundo a Federação Internacional de Ginástica (FIG), pelo manejo de aparelhos oficiais, os quais são: corda, bola, arco, maças e fita, combinados harmonicamente com movimentos corporais denominados a mãos livres (GAIO, 1996, p.132).

Segundo o CÓDIGO DE PONTUAÇÃO DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA (1993), os elementos corporais são a base da GRD, porém, eles devem ser realizados em coordenação com manejo dos aparelhos oficiais, apresentando-se divididos em dois grupos: fundamentais (saltos, equilíbrio, giros, flexibilidade e ondas) e outros (deslizamentos, saltitos, balanceamentos, circunvoluções e voltas).

Cada aparelho oficial possui normas específicas de tamanho, peso, cor e também elementos corporais fundamentais e outros elementos, que devem ser executados num determinado número de vezes; em uma composição em série, sendo que nas composições existem dificuldades A-B-C-D, as quais classificam a execução em termos de dificuldades os movimentos corporais em combinação com o manejo dos aparelhos, conforme consta no CÓDIGO DE PONTUAÇÃO DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA (1993).

A prática esportiva oficial da GRD pode ser realizada individualmente e em conjunto, com um acompanhamento musical apropriado, em um espaço de 13 X 13. (GAIO, 1996, p.150)

### **2.1.3 O DESPORTO GRD COMO ATIVIDADE MEIO DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

A Ginástica Rítmica Desportiva é aplicada nas escolas com o objetivo de educar o indivíduo em sua totalidade, além de visar o desenvolvimento das habilidades motoras básicas, estruturação temporoespacial, domínio do esquema corporal, equilíbrio, coordenação, incentivar a criatividade, entre outros. (MENEZES, citado por CAPETTI, 1992, p.12)

Segundo ANDRADE (1994, p.24), a aplicação da GRD como meio da Educação Física, proporcionará ao educando valiosas experiências corporais, auxiliando no conhecimento do seu esquema corporal, no desenvolvimento da percepção corporal, e também no aperfeiçoamento da coordenação motora.

Cynthia TIBEAU, em discurso proferido em 28 de setembro de 1993, na III Semana de Ensino Pesquisa e Extensão, da UFPR, propõe a GRD como uma atividade meio da Educação Física, pois ela trabalha o aspecto qualitativo do movimento, envolvendo harmonia, música, criatividade, estética, objetivando a emancipação do indivíduo. A GRD também proporciona a formação física da criança, melhora qualitativamente as habilidades motoras básicas, promove

a produção criativa, além de preparar o indivíduo para a aquisição de habilidades motoras específicas, trabalhando aspectos cognitivos, motores e sócio-afetivos.

Assim, a GRD, citado por PICCOLO (1993, p.24), “cria um ambiente favorável para o agir-criativo, dando oportunidade a criança de se aventurar, provar e descobrir situações novas, através de manipulação dos aparelhos.” A GRD propicia também grandes oportunidades de criatividade, por ter materiais como, bola, arco, fita, maças e corda, que estimulam a participação da criança.

Através da utilização dos aparelhos manuais, a criança torna-se mais desinibida, ou seja, realiza o movimento com mais naturalidade, por causa da atenção focalizada sobre o aparelho, que permite um relaxamento mental na criança, favorecendo a descontração da musculatura, deixando-a mais a vontade para criar (SAUR, s.d., p.27).

Piccolo coloca que, o uso dos aparelhos na GRD fortalece os dois lados do corpo, onde a criança constrói a base da orientação espacial e da coordenação motora geral. Cita também, que quanto mais numerosas e mais ricas forem as situações vividas pela criança, maior será o número de esquemas por ela atingido (PICCOLO, 1993, p.25).

As diferenças básicas entre a GRD escolar e a GRD desporto citadas por TIBEAU (1993) são:

ESCOLAR	DESPORTO
desenvolvimento e aprimoramento de capacidades físicas	performance
utilização de material alternativo	técnica de manuseio de aparelhos oficiais
expressão rítmica individual	perfeita sincronia entre movimento e música
educação do movimento	técnica aprimorada
ajuste corporal	busca da expressividade
criatividade expressiva	criatividade produtiva
música e espaço livre	música e espaço limitado
mista	feminina

TIBEAU ( III Semana de Ensino Pesquisa e Extensão, da UFPR, palestra proferida em 28 de setembro de 1993)

Portanto, de acordo com GALLARDO (1993, p.152), a GRD deve fazer parte da Educação Física não com finalidade competitiva, mas utilizando suas formas naturais de movimento. A GRD trabalharia com o objetivo de atingir a proposta educacional, permitindo

ao aluno uma maior vivência corporal através de novas experiências de movimentos, levando o aluno a descobrir suas capacidades e potencialidades.

## **2.2 O DESPORTO FEMININO GRD NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESTUDO DE GÊNERO**

### **2.2.1 O CONCEITO DE GÊNERO**

A palavra gênero, presente em algumas línguas indoeuropéias, é utilizada segundo Ferreira, citado por SOUZA (1994, p.12), para designar indivíduos de sexos diferentes, ou ainda, coisas sexuadas.

No entender de John Scott, citado por SOUZA (1994, p.13), o cerne central da definição de gênero “repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constituído das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é o primeiro modo de dar significados as relações de poder.”

Ainda o mesmo autor apresenta, que estas relações fundamentam-se na diferença entre o masculino e o feminino, construídos historicamente. Para isso é imprescindível entender que há diferentes construções de gênero em uma mesma sociedade, dependendo dos diferentes modelos, idéias e imagens de homem e mulher que cultuam as diferentes classes, religiões, raças e idades.

Já nos meios acadêmicos, o termo gênero tomou outro foco, sendo utilizado como uma palavra que indica “a rejeição ao determinismo biológico, implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual”(CARDOSO, 1994, p.266).

O gênero pode ser entendido ainda, de uma forma simplificada, segundo Butler, citado por KUNZ (1994, p.247), como uma interpretação cultural de sexo, como uma escolha de ser masculino ou feminino.

### **2.2.2 GÊNERO: SOCIEDADE E ESCOLA**

Observa-se que meninos e meninas, antes mesmo de nascerem têm suas vidas delineadas a partir das expectativas de seus pais, que variam de um sexo para outro. Desde cedo os pais ensinam a seus filhos quais os padrões de comportamento mais apropriados para este ou aquele sexo. O papel sexual que a criança vai desempenhar será punido ou reforçado, segundo o contexto social ou cultural no qual a criança está inserida. São essas determinações de comportamento que criam as desigualdades entre homens e mulheres na sociedade (ROMERO, 1994, p.226).

CARDOSO (1994, p.267), coloca que a criação dos papéis sexuais foi de grande valia, porém estabeleceu atributos masculinos e femininos ligando os papéis sexuais ao sexo biológico.

Esses atributos podem ser percebidos através dos adjetivos e rótulos (para atitudes) que indicam os estereótipos ligados ao sexo masculino que são: competitivo, agressivo, egoísta, independente, dominante, corajoso e capaz; enquanto que para o sexo feminino são: dependente, interessada, emotiva, frágil, conformista, passiva e portadora de sentimentos maternos. É nesta visão “sexista” que a sociedade se preocupa em avaliar a masculinidade e feminilidade da criança. (ROMERO, 1994, P.228)

Segundo Parra, citado por KUNZ (1994, P.247), o sexismo refere-se “aos conteúdos que condicionam homens e mulheres no seu desenvolvimento vital, e que geram consequências na vida cotidiana e no comportamento social”.

É nessa ótica que muitos dos comportamentos se tornam sexualmente tipificados e adquirem valores e significados diferentes para meninos e meninas durante a socialização. Observa-se que no *treinamento social*, tanto o pai quanto a mãe, no seu papel de agente socializador, não promovem uma educação igualitária para seus filhos e filhas, e a escola não assume esse papel em diferente dimensão. A escola como *aparelho ideológico do estado*, é responsável por propiciar uma educação que transmite e reforça os padrões de comportamento culturalmente estereotipados, auxiliando assim, na reprodução das desigualdades entre homens e mulheres. (ROMERO, 1992, p.26)

Dentro dessa educação diferenciada, acredita-se que a percepção do professor influencia no desenvolvimento e formação do comportamento de seus alunos. Julga-se segundo ROMERO (1994, p.229), que a meta do profissional junto a rede escolar, deve estar voltada para a formação global do ser humano e nesta perspectiva os objetivos, a prática das atividades deve ser igual para todos. No entanto, pode-se perceber que há uma diversificação de tratamento para meninos e meninas, perpetuando os modelos sexualmente tipificados pela família e sociedade.

### 2.2.3 GÊNERO: EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO

Segundo CARDOSO (1994, p.252), a Educação Física tem passado por uma série de questionamentos quanto a metodologias, conteúdos e diretrizes filosóficas, em relação ao movimento humano. Porém, se tem falado muito pouco ou quase nada, sobre educação não diferenciada para ambos os sexos. Esta situação permanece inalterada devido a não

conscientização do professor da área, quanto a sua ação repetidora dos papéis de gênero, assumido ao longo de gerações e gerações.

ROMERO (1994, p.229) afirma que a história da Educação Física mostra que ela sempre foi discriminatória, mantendo os papéis sexuais distintos e determinados, caracterizando os comportamentos tipicamente masculinos e femininos, a serviço da ideologia sexista.

Segundo Parra, citado por KUNZ (1994, p.247), “o sexismo estimula concepções, interesses e formas de comportamento específicos para cada sexo, e prepara condições polarizadas para ambos em aula, gerando uma discriminação na prática pedagógica”.

Desta forma, podemos perceber que ainda ocorre nas aulas de Educação Física a socialização específica para ambos os sexos, gerando assim, a oposição e não a interação de ações nas práticas de movimento. Sabemos que as meninas e meninos já trazem para a escola uma história de vida, e que as imagens padrão de *menino* e de *menina* estão internalizadas. (KUNZ, 1994, p.249)

De acordo com CARDOSO (1994, p.267), “as atividades esportivas e da recreação reproduzem o processo de socialização e aprendizado de valores, normas e atitudes de nossa cultura”. Porém, esse processo se caracteriza pela restrição de atividades tanto para meninas quanto para meninos. Para os meninos são atribuídos atividades como correr, trepar, saltar, cair, etc, não podendo as meninas realizarem estas atividades. No entanto, todas as atividades relacionadas a dança, ritmo e harmonia, são desencorajadas aos meninos, supondo-se que elas possam afetar a masculinidade do menino.

Segundo KUNZ (1994, p.248), o mundo esportivo está dividido em dois mundos - respectivamente feminino e masculino, e as características desses mundos têm sido transmitidas/reproduzidas na aula de Educação Física e têm recebido uma valorização social positiva.

Esse mesmo autor coloca que, na contraposição das possibilidades expressas pelos dois mundos esportivos, ou seja, cooperação/competição, sensibilidade/racionalidade, criatividade/produktividade, ludicidade/seriedade, evidenciam-se os *pólos* que o esporte, como praticado nas escolas, não deixa, por enquanto, conciliar.

No contexto escolar o profissional de Educação Física, assume uma postura dicotômica. No discurso aceita e advoga uma educação igualitária e transformadora, no entanto quando se analisa sua práxis percebe-se uma atitude que reforça e mantém os estereótipos diferenciados de comportamento. A Educação Física através do movimento deveria oportunizar o educando a descobrir-se a si mesmo, conscientizando-se de seu papel no mundo. Todavia, esse modelo de

papel deverá ser desprovido de estereótipos negativos, evitando um comportamento sexual padrão tanto para o menino quanto para a menina. (ROMERO, 1994, p.229)

CARDOSO (1994, p.267), sugere então que, “a Educação Física busque essa especificidade, o movimento, ações que venham a desconstruir esta *naturalização extremada* dos papéis de gênero. Por exemplo, tentar igualar a todos, vivenciando o seu movimento como um todo, sem limitações impostas pelo meio social, desenvolvendo assim toda a sua potencialidade motora”.

Nessa perspectiva, também o esporte na prática pedagógica, “deve passar pelo rendimento das possibilidades oferecidas por esses dois pólos e pela compreensão de que são culturas construídas em relação aos papéis sexuais, ou seja, pela reorientação de *sexo* como *gênero*, como questões culturais” (KUNZ, 1994, p.249).

Existe hoje, no Ocidente, uma *tendência andrógina*, que corresponde a uma maior similaridade entre os sexos, ou seja, a transposição dos limites atribuídos a ambos os sexos, a uma maior flexibilidade de comportamento, auto-realização e criatividade; e que se manifesta nos hábitos e costumes sociais, na moral, ou na percepção de pessoas que buscam como expandir a consciência de si e do mundo em que vivem. A Androginia trata-se de concretizar aquilo que tanto é propagado nas propostas de ensino oficiais da Educação Física escolar, acerca das capacidades lúdicas e expressivas dos jogos, da dança, da ginástica e do esporte. Para se comprometer com a “valorização do corpo humano e seus movimentos expressivos, no contexto sócio-político-cultural” (Proposta curricular, Santa Catarina, 1990).

A Educação Física precisa oferecer outras vivências nos conteúdos, inclusive vivências estéticas para meninas e meninos. (KUNZ, 1994, p.250-251)

#### 2.2.4 O DESPORTO GRD NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

É interessante observar, sem perder de vista o contexto histórico-cultural, o grande esforço empreendido pelas mulheres, com a participação em igualdade de condições nos chamados esportes masculinos. O mesmo não se pode dizer, no entanto, do inverso, ou seja, não se vê tanto esforço por parte dos homens em participar de esportes tipicamente femininos (GAIO, 1996, p.35).

GAIO (1996, p.35) ainda coloca que: “o preconceito cultural machista ainda limita o homem em seus movimentos, o que o impede de se liberar enquanto ser que se move tanto quanto a mulher, em todas as direções e sentidos, em qualquer atividade motora, sem com isto modificar suas características”.

Por outro lado, ainda é muito difícil, senão cada vez mais difícil, a um professor de Educação Física, administrar pedagogicamente uma modalidade esportiva em uma aula, com uma turma de meninos e meninas, denominada *mista* (KUNZ, 1994, p.225).

Esse mesmo autor conclui, que o desafio de igualar mulheres nos esportes masculinos é mais fácil que o segundo, ou seja, superar pedagogicamente, o problema de ensinar esportes para meninos e meninas, em uma mesma aula, sem discriminações, ou problemas com a socialização específica para sexos que já existe (KUNZ, 1994, p.225).

A respeito da GRD, um desporto tradicionalmente ensinado às mulheres, pode ser observada a grande dificuldade deste conteúdo ser aplicado aos homens. Analisando dados extraídos do estudo realizado por CARDOSO (1994, p.216), no curso de Educação Física da UFMG; observa-se que a prática da GRD apresentou dificuldades de docentes e discentes em lidar com o sexismo implícito e explícitos nos acontecimentos. Mesmo com tais dificuldades, docentes e discentes destacaram as possibilidades educacionais do trabalho conjunto dos dois sexos, e condenaram a *adjetivação dos movimentos esportivos como masculinos e femininos*.

Considera-se importante segundo Liesenhoff, citado por KUNZ (1994, p.251), descobrir o desporto em seu caráter lúdico, permitindo sua experimentação, acabando com discriminação social e educação diferenciada entre os sexos.

Cabe a partir daqui, uma importante reflexão sobre o que acontece com a GRD nas escolas. Apesar dela vir oferecer aos indivíduos possibilidades de vencerem seus próprios limites corporais, imbuídos de prazer, num ambiente de liberdade e criatividade, não percebemos a sua presença como disciplina do ensino da Educação Física, como parte da educação global do educando. O que percebemos é a sua aplicação como forma competitiva somente para meninas. (GAIO, 1996, P.18)

### **3 METODOLOGIA**

O estudo utilizou-se da análise de um fato existente na Escola Irmã Elizabeth Werka, do município de Araucária (PR).

O procedimento utilizado baseou-se em três fontes:

1. Análise dos documentos investigados, que tratam da inserção da GRD como conteúdo da Educação Física escolar nesta instituição;

2. Análise dos conteúdos fornecidos pela entrevista semi estruturada realizada com os professores que ministram aulas de Educação Física para as 6<sup>o</sup>séries do ensino de 1<sup>o</sup> grau da referida escola. O roteiro de entrevista procurou verificar qual a formação do professor que desenvolve o conteúdo GRD no contexto escolar; como é apresentado este conteúdo para as turmas mistas; e como é a aceitação dos alunos do sexo masculino em relação ao desporto GRD, através das seguintes questões:

a) Em sua formação acadêmica, você cursou o conteúdo GRD? Em qual disciplina da grade curricular?

b) Esta disciplina era obrigatória ou optativa?

c) Esta disciplina era ministrada no currículo para turmas mistas?

d) Qual era o enfoque desta disciplina no currículo na sua formação acadêmica?

e) Você realizou algum curso de capacitação (extensão) relacionada a GRD?

f) Como é apresentada a GRD aos alunos em suas aulas, entendendo-se que é um desporto culturalmente feminino?

g) Como é a aceitação por parte dos meninos com relação a este conteúdo?

3. A investigação teórica enfocada nos estudos existentes na área da GRD como conteúdo da Educação Física escolar e nos estudos que abordam as relações de gênero.

#### 4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A análise dos dados utilizou-se da investigação dos documentos, referente a implantação da Ginástica Rítmica Desportiva como conteúdo da Educação Física, no Plano Curricular da Escola Irmã Elizabeth Werka, do município de Araucária, implantado em 1993, pela Prefeitura do município; e a análise dos conteúdos, fornecidos pela entrevista semi estruturada, realizada com os professores que desenvolvem este conteúdo nas 6<sup>o</sup> séries, nas turmas mistas, da referida escola. Esta análise abordou as seguintes temáticas: a formação do professor que desenvolve o conteúdo GRD no contexto escolar; a apresentação deste conteúdo para as turmas mistas, e a aceitação dos alunos do sexo masculino em relação ao desporto GRD.

A investigação do fato partiu da análise do currículo de Educação Física, onde observou-se, ao abordar os conteúdos de Pré a 8<sup>o</sup> série, que a Ginástica Rítmica Desportiva encontra-se como conteúdo a ser desenvolvido na 6<sup>o</sup> série do ensino de 1<sup>o</sup> grau, no primeiro semestre, conforme o plano curricular a seguir:

CONTEÚDOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE PRÉ A 8<sup>o</sup> SÉRIE

	PRÉ	1 <sup>o</sup>	2 <sup>o</sup>	3 <sup>o</sup>	4 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup>	6 <sup>o</sup>	7 <sup>o</sup>	8 <sup>o</sup>
GINÁSTICA	imitativa	imitativa	imitativa	imitativa	imitativa	ginástica	GRD		
	higienista	higienista	higienista	higienista	higienista	artística			
JOGOS	utilitários	utilitários	utilitários	utilitários	utilitários	xadrez	basquete	volei	atletismo
	combate	combate	combate	combate	combate	capoeira		futebol	esportes
LUTA						handebol			complementares
ESPORTES									
DANÇA	folclórica	folclórica	folclórica	folclórica	folclórica		moderna	folclórica	popular
	popular	popular	popular	popular	moderna				(de salão)

Através dos dados levantados referentes a implantação e desenvolvimento da GRD como conteúdo da Educação Física na referida escola, percebeu-se que no início houveram algumas dificuldades. Primeiro por parte dos professores homens, que alegavam não ter tido a formação necessária para desenvolver este conteúdo. No entanto, mesmo as professoras mulheres que em sua formação acadêmica tiveram a disciplina Ginástica Rítmica Desportiva, apresentaram alguma resistência a aplicação justificando que a GRD apresenta-se como um conteúdo muito amplo, pela sua variedade de materiais e de elementos corporais.

Além disso, a questão dos materiais foi outra dificuldade encontrada, pois eles eram distribuídos para todas as escolas do município de Araucária, em forma de rodízio. E também, algumas dificuldades por parte dos alunos do sexo masculino que apresentavam resistência quando descobriam que a GRD é um desporto essencialmente feminino.

Portanto, as dificuldades foram sendo superadas, e hoje o desporto já é aceito pelos professores e alunos. É claro, que ainda são feitos ajustes, em relação a reposição de materiais, e também, em relação aos professores que não conseguem terminar o conteúdo dentro do espaço de um semestre.

#### **4.1 ANÁLISE DOS CONTEÚDOS**

##### **4.1.1 FORMAÇÃO DO PROFESSOR QUE DESENVOLVE O CONTEÚDO GRD NO CONTEXTO ESCOLAR**

Através da análise das entrevistas referente a formação acadêmica do professor que desenvolve o conteúdo GRD, nas 6<sup>o</sup> séries, da Escola Irmã Elizabeth Werka, do município de Araucária, observou-se que eles cursaram a disciplina Ginástica Rítmica Desportiva em sua formação com caráter obrigatório. Porém, esta disciplina era ofertada apenas para o sexo feminino e seu enfoque era técnico. Isto pode ser verificado nas afirmações a seguir:

“Era uma disciplina obrigatória, e ainda possuía uma eletiva, como se fosse uma especialização naquele esporte”;

“Seu enfoque era técnico, voltado a formação de ginastas; não era voltado para a escola”;

“Como os outros esportes, era apresentado regras, progressões e forma competitiva”.

Segundo o estudo realizado por GAIO (1996, p.127-129), nas instituições de ensino superior de Educação Física, esta análise pode ser confirmada, pois verificou-se que as instituições que desenvolviam este conteúdo, atendiam somente o sexo feminino, e exploravam o conteúdo apenas na forma técnica, não objetivando uma proposta educacional. No entanto, com a reformulação curricular, em 1989, de acordo com sugestão do documento *Reformulação Curricular do Conselho Federal de Educação*, esta disciplina passou a figurar em quase todos os cursos, apresentando-se também como proposta de extensão, explorando assim a prática educacional.

Além disso, observou-se nas afirmações dos professores, que eles realizaram cursos de capacitação (extensão) relacionados a aplicação do conteúdo GRD no contexto escolar.

##### **4.1.2 APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO GRD PARA TURMAS MISTAS**

Analisando a entrevista relacionada a apresentação do conteúdo Ginástica Rítmica Desportiva para turmas que apresentam alunos do sexo feminino e masculino, verificou-se que o desporto é abordado, objetivando uma proposta educacional. Pois pode-se observar esta perspectiva nas afirmações a seguir:

“O nosso enfoque não é o de formar ginastas, queremos que eles conheçam o desporto GRD, experimentem novas formas de movimentos, juntamente com os aparelhos, na medida do seu próprio limite”;

“Nossa intenção é que eles conheçam o desporto, e que possam, por exemplo, quando verem um campeonato perceberem a dificuldade que a ginasta tem de realizar um certo movimento, pois eles já experimentaram aquele movimento. E também, como cultura geral, saber do que se trata”.

Baseando-se nestas colocações pode-se citar que GALLARDO (1993, p.152) propõe que a GRD deve fazer parte da Educação Física, não com finalidade competitiva, mas utilizando suas formas naturais de movimento, permitindo ao aluno uma maior vivência corporal através de novas experiências de movimentos.

No entanto, observou-se na análise das entrevistas, que a questão do gênero torna-se presente quando os alunos do sexo masculino descobrem que a GRD é um desporto culturalmente feminino. Quando surge este questionamento, os professores abordam esta questão explicando que atualmente este desporto é feminino, mas existem propostas no Japão da participação masculina. Também, fazem relação com outros desportos que eram praticados apenas por homens, e hoje tem participação feminina, como pode ser verificado na afirmação a seguir:

“Assim como o futebol, que até pouco tempo era só masculino, hoje tem adeptos femininos”.

Segundo as afirmações dos professores, explica-se ainda, que a Educação Física trabalha com o movimento corporal, e neste trabalho não existe divisão entre meninos e meninas. Para ilustrar esta questão, são apresentados vídeos das aulas de GRD da Universidade Federal do Paraná, onde aparecem homens e mulheres praticando juntos o desporto.

#### **4.1.3 ACEITAÇÃO DOS ALUNOS DO SEXO MASCULINO EM RELAÇÃO AO DESPORTO GRD**

A respeito da Ginástica Rítmica Desportiva, um desporto tradicionalmente ensinado as mulheres, pode ser observada alguma dificuldade da aplicação deste conteúdo aos alunos do sexo masculino, por ser um desporto essencialmente feminino. As meninas e meninos já trazem para a escola uma história de vida e imagens padrão de *menina* e *menino* internalizadas (KUNZ, 1994, p.251)

Segundo a análise das entrevistas, verificou-se que no início do conteúdo, os meninos ficam meio *constrangidos* em realizar certos movimentos. Porém, no decorrer das aulas,

percebe-se que eles apreciam os movimentos, e até alguns se sobressaem mais que as meninas em relação a criatividade, e algumas habilidades. Podendo observar esta contextualização na afirmação a seguir:

“Fazer um molinete com as maçãs, fazer lançamentos é desafiante e eles apreciam”.

Percebeu-se também, com a análise das entrevistas que este conteúdo está conquistando seu espaço no contexto escolar, e motivando as turmas que vem na sequência a prática desta atividade. Podemos observar isto na seguinte afirmação:

“As turmas que vem na sequência, que já viram outras turmas realizarem este conteúdo, aceitam melhor a prática do desporto, é claro que não é o desporto predileto dos meninos”.

## **5 CONCLUSÃO**

Através do referencial teórico, observou-se que a aplicação da Ginástica Rítmica Desportiva como conteúdo da Educação Física escolar, para turmas mistas, repousa sobre a questão do gênero, pela GRD ser um desporto culturalmente feminino, o que dificulta o seu desenvolvimento para alunos do sexo masculino. Isso se dá, por existir uma educação diferenciada entre os sexos e uma discriminação social.

Porém, analisando o fato existente na Escola Irmã Elizabeth Werka, do município de Araucária, verificou-se que há possibilidades educacionais do desenvolvimento da GRD para ambos os sexos, desde que se trabalhe com o objetivo de atingir uma proposta educacional, permitindo ao aluno uma maior vivência corporal, através de novas experiências de movimentos, levando o aluno a descobrir suas capacidades e potencialidades.

Ainda, através da análise da entrevista semi estruturada realizada com os professores, observou-se que a formação do professor é um fator que interfere na aplicação do conteúdo GRD no contexto escolar para turmas mistas.

Conclui-se assim, que para desenvolver a GRD no contexto escolar para turmas mistas, é fundamental que o professor desenvolva uma metodologia que permita as mesmas oportunidades de desenvolvimento corporal a ambos os sexos, através de uma educação consciente, sem preconceitos sexuais.

Sugere-se novos estudos relacionados a questão do gênero nas aulas de Educação Física, e também novas propostas de pesquisa do desenvolvimento deste conteúdo em outras escolas do município de Araucária (PR).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Marilda M. de. *Análise da ginástica rítmica desportiva como disciplina nos currículos de licenciatura de educação física na estado do Paraná*. Curitiba, 1994. Monografia (graduação), Setor de Ciências Biológicas, UFPR.
- CAPETTI, Lilian. *Evolução da ginástica rítmica e sua implantação nos programas de 1ª a 4ª série do 1º grau*. Curitiba, 1994. Monografia (especialização), DEF/UFPR.
- CARDOSO, Fernando Luiz. Gênero e o movimento humano. *Revista brasileira de ciências do esporte*, Santa Maria/RS, v.15, n.3, p. 264-268, jan. 1994.
- CÓDIGO DE PONTUAÇÃO DE GINÁSTICA RÍTMICA DESPORTIVA (1993: FIG)
- GAIO, Roberta. *Ginástica rítmica desportiva "popular" uma proposta educacional*. São Paulo: Robe, 1996.
- GALLARDO, Jorge S.P. Proposta de uma linha de ginástica para a educação física escolar. In: PICCOLO, Vilma L. *Educação física escolar: ser ou não ter?* Campinas: UNICAMP, p. 59-69, 1993.
- CRAUSE, Ingrid I. Histórico. In: *CÓDIGO DE PONTUAÇÃO DE GINÁSTICA RÍTMICA DESPORTIVA* Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1989.
- KUNZ, Maria do Carmo S. O gênero: confronto de culturas em aulas de educação física. *Revista brasileira de ciências do esporte*, Santa Maria/RS, v.15, n.3, jan. 1994.
- ROMERO, Elaine. A educação física a serviço da ideologia sexista. *Revista brasileira de ciências do esporte*, Santa Maria/RS, v.15, n.3, p. 226-233, jan. 1994.
- ROMERO, Elaine. Diferenças entre meninos e meninas quanto aos estereótipos: contribuição para uma política de desmistificação. *Revista brasileira de ciências do esporte*, Maringá/PR, v.14, n.1, set. 1992.
- RUSSO, Rosana. *GRD masculina, perspectiva ou mito?* Rio de Janeiro, 1993. Monografia (pós-graduação), Universidade Gama Filho.
- SAUR, Erica. *Ginástica rítmica escolar*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d.
- SOUSA, Eustáquia S. de. *A história do ensino de educação física em Belo Horizonte (1897-1994)*. Campinas, 1994. Tese (doutorado em Educação, área de concentração: filosofia e história da educação), Faculdade de Educação, UNICAMP.
- III SEMANA DE ENSINO PESQUISA E EXTENSÃO (1993: Curitiba). *A ginástica rítmica desportiva no contexto escolar*. Curitiba: UFPR, 1993. Cintia Tibeau.